



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E
CONTÁBEIS - ICEAC
CURSO DE COMÉRCIO EXTERIOR

PRISCILA DE SOUZA DA SILVEIRA

COMPETITIVIDADE DOS FÁRMACOS NO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

Santa Vitória do Palmar

2019

Priscila de Souza da Silveira

COMPETITIVIDADE DOS FÁRMACOS NO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel, pelo Curso de Comércio Exterior da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Orientador: Prof^o. Dr. Rafael Mesquita Pereira

Coorientador: Prof^o. Msc. Márcio Nora Barbosa

Santa Vitória do Palmar

2019

Priscila de Souza da Silveira

COMPETITIVIDADE DOS FÁRMACOS NO COMÉRCIO EXTERIOR BRASILEIRO

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel, pelo Curso de Comércio Exterior da Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Aprovado em 26 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Rafael Mesquita Pereira - Orientador

Profº. Msc. Márcio Nora Barbosa - Membro

Profº. Dr. Jorge Alberto Orellana Aragon - Membro

**A meu esposo, Maicon,
pelo apoio e incentivo.**

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me permitido os anos de estudo e tempo hábil de pesquisa para a elaboração deste trabalho.

Ao meu esposo, Maicon Machado Munhoz, pelo incentivo no decorrer do curso, compreensão das horas de estudo e paciência por ouvir minhas escritas auxiliando-me nas correções.

À minha mãe, Geovana Silveira de Souza, por todo o amor, apoio e palavras de carinho, principalmente nos momentos mais angustiantes.

Especialmente ao meu orientador, Professor Doutor Rafael Mesquita Pereira, por quem tenho grande admiração por sua sabedoria e comprometimento para com seus alunos. Foi incansável em suas orientações, extremamente compreensivo e dedicado em orientar este trabalho.

Ao querido Professor Mestre Márcio Nora Barbosa, meu coorientador, a quem sou muito grata por todos seus ensinamentos. Todas suas aulas, recomendações e correções foram de grande valia para a consolidação deste trabalho.

Ao Professor Doutor Ricardo Aguirre Leal, por seu apoio, ensinamentos e compreensão.

A todos os professores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), principalmente do Campus Santa Vitória do Palmar (SVP), que de alguma forma contribuíram com seus conhecimentos e experiências para a realização deste trabalho, assim como seus ensinamentos no decorrer do curso.

Aos colegas que me auxiliaram, principalmente nos períodos de maiores dificuldades. Em especial a Janaina Silveira e Lucimar Silva que se tornaram amigos além da faculdade.

Por fim, a todos aqueles que de alguma maneira contribuíram para a concretização deste trabalho.

***"Permita que quem você foi no passado, lhe ensine.
Permita que quem você é agora, lhe conforte.
Permita que quem você será no futuro, lhe inspire.
Sua versão do passado e sua versão atual
são passos necessários no caminho para se tornar
a versão que você quer se tornar. Respeite isso."
Jacob Petry***

RESUMO

Este trabalho visa analisar a competitividade do Brasil no setor farmacêutico, perante o comércio internacional, utilizando, para isso, o IVCR (índice das vantagens comparativas reveladas). Esta pesquisa aprofunda-se especificamente em três posições do Sistema Harmonizado (2941, 3003 e 3004), sendo esses referentes aos antibióticos e seus compostos, apresentando a participação do Brasil no comércio mundial no período entre 1997 e 2018. Foi evidenciado que os valores das importações foram excedentes aos valores das exportações brasileiras nesse período, o que gerou déficit na balança comercial do setor. Constatou-se que o Brasil é um importador de produtos farmacêuticos, porém quando calculado o índice das posições específicas dessa pesquisa, em relação somente ao comércio internacional dos produtos farmacêuticos, obteve-se vantagem comparativa revelada nos itens inclusos na 2941 e 3004. Todavia, o valor das exportações de produtos farmacêuticos ainda é pequeno comparado as exportações totais brasileiras. Por outro lado, o número de importações acaba sendo bem elevado para conseguir suprir a demanda doméstica, que está crescendo constantemente.

Palavras-chave: Fármacos; Competitividade; Índice de Vantagens Comparativas Reveladas.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| RESUMO | 6 |
| 1 INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 10 |
| 2.1 Comércio Internacional | 10 |
| 2.1.1 Adam Smith e a Teoria das Vantagens Absolutas..... | 10 |
| 2.1.2 David Ricardo e a Teoria das Vantagens Comparativas | 11 |
| 2.1.3 Heckscher-Ohlin e a Teoria da Dotação de Fatores | 12 |
| 2.1.4 A influência de Samuelson nas Teorias de Comércio Internacional | 13 |
| 3 SETOR DE FÁRMACOS | 14 |
| 3.1 Panorama Geral do Setor | 15 |
| 3.1.1 Exportação e Importação | 15 |
| 3.2 Panorama das Posições 2941, 3003 e 3004 do SH | 19 |
| 3.2.1 Exportação e Importação | 20 |
| 3.3 Barreiras Tarifárias e Barreiras Não Tarifárias no Setor dos Fármacos..... | 24 |
| 4 METODOLOGIA | 26 |
| 5 RESULTADOS | 29 |
| 5.1 Análise do Setor dos Produtos Farmacêuticos | 29 |
| 5.2 Análise das Posições 2941, 3003 e 3004 do SH | 31 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 34 |
| REFERÊNCIAS | 36 |

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Prado (2011), o setor farmacêutico é de suma importância para toda a população, uma vez que necessitamos de medicamentos desde o nosso nascimento e principalmente quando envelhecemos. Através deles é que conseguimos tratar enfermidades desde as mais simples, como viroses, até as mais complexas, como o câncer. Porém, mesmo diante desse cenário ainda temos dificuldade em encontrar alguns medicamentos em nosso país e outros com preço muito elevado, devido aos custos, principalmente, de sua importação, ou ainda, do princípio ativo utilizado no mesmo.

Segundo informações do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC/2019), as importações de produtos farmacêuticos foram, aproximadamente, seis vezes maiores que as exportações no ano de 2018, sendo assim, o Brasil foi um país importador neste setor. Conforme David Ricardo, com sua teoria das vantagens comparativas, nenhum País é autossuficiente, assim, exporta aqueles produtos que possuem vantagem comparativa, enquanto importam mercadorias em que possuem desvantagem na produção (SOUSA, 2009).

Perante a grande necessidade e demanda da área farmacêutica, fica o questionamento dos valores tão elevados das importações de medicamentos, diante da possibilidade que teria de produção interna. Então, com intuito de sanar essa dúvida, ou ao menos compreender melhor o funcionamento nessa área, este trabalho tem o objetivo de analisar a balança comercial brasileira no setor farmacêutico de 1997 até 2018. Além disso, pesquisar quais são seus principais parceiros comerciais e buscar barreiras tarifárias e não tarifárias praticadas pelo Brasil dentro desse setor.

Para tanto, a partir de dados do Comex Stat, que é um sistema para consultas e extração de dados do comércio exterior brasileiro (exportação e importação), os quais são vinculados ao SISCOMEX (Sistema Integrado de Comércio Exterior), e do portal World Integrated Trade Solution (WITS), onde contém dados do comércio internacional, serão analisadas as mercadorias do setor farmacêutico, as quais são classificadas por um código numérico através de um método internacional conhecido como Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias – SH – (SISCOMEX, 2018). Após essa coleta de dados, serão calculados os índices de vantagens comparativas reveladas (IVCR), com o objetivo de analisar se o Brasil possui vantagem comparativa nesse setor.

O setor que se refere a área dos fármacos é muito amplo, tratando-se de um bem que é produzido com diversidade (RODRIGUES; NOGUEIRA, 2008). Quando é analisado o comércio internacional desse setor, encontra-se desde o comércio da planta que se transforma no medicamento até a própria medicação pronta para consumo. Devido a essa grande variedade foi necessário fazer um filtro mais específico de pesquisa, onde foram analisados três itens por suas posições, ou seja, pelos quatro primeiros dígitos do SH, sendo eles: 2941, 3003 e 3004.

Desta forma, este trabalho está organizado em seis capítulos, sendo o primeiro esta introdução que explica e justifica a elaboração do mesmo. No segundo capítulo é apresentado o referencial teórico, com uma breve explicação sobre comércio internacional e a evolução de suas teorias. O terceiro capítulo mostra o setor dos fármacos, trazendo um panorama geral do setor, assim como dos analisados especificamente aqui. No quarto capítulo é abordada a metodologia utilizada, que é um trabalho aplicado, pois através da coleta de dados é realizada a análise do índice de vantagens comparativas reveladas (IVCR). No quinto capítulo são apresentados os resultados. Por fim, no sexto e último capítulo estão apresentadas as considerações finais, com as conclusões do decorrer da pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Comércio Internacional

Desde o período Mercantilista foi notória a necessidade de “trocas” de bens entre pessoas e regiões, com o passar do tempo essa teoria das trocas foi evoluindo. Conforme Dias e Rodrigues (2012), o período da “Revolução Comercial”, entre os anos de 1500 e 1750, foi essencial para as bases conceituais de todas as teorias do comércio exterior, que foram e são praticadas até os dias atuais.

Quando falamos em comércio exterior, ou comércio internacional, estamos nos referindo as trocas de bens ou serviços entre países, através da exportação, quando algo é vendido para outro país, e importação, quando algo é comprado de outro país (MAIA, 2014). Para fazer o controle dessas tramitações temos a Balança Comercial, onde é armazenado o quanto os países importaram e exportaram. “As exportações são contabilizadas como receitas e as importações, como despesas” (MAIA, 2014, p. 88), tornando-se possível verificar se o país ficou com superávit, quando mais exporta do que importa, ou com déficit, quando mais importa do que exporta.

Com o passar do tempo foi ampliando as movimentações do Comércio exterior, porém essas tramitações tinham altos custos, tarifas e taxas cobradas para poder exportar e importar bens e serviços (DIAS; RODRIGUES, 2012). Segundo Viera (2015), com o intuito de amenizar esses custos, os países foram realizando acordos comerciais e formando blocos econômicos, para reduzir ou até mesmo isentar as taxas e tarifas. Além disso, perante a evolução comercial, o mercado internacional foi passando por algumas modificações, assim como o surgimento e implantação de novas teorias.

2.1.1 Adam Smith e a Teoria das Vantagens Absolutas

Em 1776, através da publicação de seu livro “Riqueza das nações”, Adam Smith afirmou que um país pode produzir uma mercadoria com um custo menor do que os outros (SOUSA, 2009). Assim, conforme Carvalho e Silva (2007), essa situação garantiu amplo benefício para o país, produzindo essa mercadoria e a

exportando, assim como importando as demais necessárias, então ambos os países sairiam vantajosos.

Segundo Maia (2014), essa troca de mercadorias gera aos países envolvidos vantagens recíprocas, pois assim como um país comprará produtos mais baratos, o outro irá pagar esses com produtos que lhe custaram menos. Então, conforme Dias e Rodrigues (2012), na Teoria da Vantagem Absoluta cada país se especializa na produção daquele bem em que possui vantagem e realiza as trocas comerciais com os demais países. Essa é uma teoria clássica de comércio exterior. Todavia, sofreu algumas críticas que foi incentivando a surgirem novas teorias.

2.1.2 David Ricardo e a Teoria das Vantagens Comparativas

Conforme Maia (2014), ainda dentro das teorias clássicas do comércio exterior, em 1817, aparece David Ricardo com uma nova teoria, partindo do pressuposto da restrição na teoria de Adam Smith, que não foi pensada a situação de uma nação não ter vantagem absoluta na produção de bem algum. Nesta teoria é analisado o custo de oportunidade na produção das mercadorias, ou seja, entre dois bens, A e B, o que vai ser abdicado na escolha da produção de um único desses. Assim, cada país se especializa na produção daquele bem em que possui mais vantagem, ou menos desvantagem, naquele em que o custo de oportunidade é melhor (CARVALHO; SILVA, 2007).

Conforme David (2017) a teoria da vantagem comparativa está presente em grande parte das transações comerciais realizadas por empresas no cenário internacional, pois cada empresa especializa-se na produção do bem em que é mais eficiente. Ainda assim, houveram pareceres opostos a essa teoria, principalmente pelo fato de, assim como Adam Smith, ter levado em conta que os valores das mercadorias eram determinados pela mão de obra, não considerando o custo da matéria prima, transporte e investimento.

Embasado na teoria de David Ricardo, em 1965, Bela Balassa desenvolveu a Teoria das Vantagens Comparativas Reveladas, trazendo um indicador, o Índice das Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR), para analisar a vantagem comparativa revelada (DORNELES, DALAZOANA e SCHLINDWEIN (2013). Segundo Fernandes, Wander e Ferreira (2008), com o IVCR é possível identificar se um país ou estado possui vantagem comparativa no comércio de determinado produto ou setor do

mercado, pressupondo sua eficiência na comercialização e especialização na produção do mesmo.

O IVCR utiliza dados pós comércio, por isso é denominado uma medida revelada, e visa apresentar o desempenho relativo das exportações de um produto ou setor de um país (MAIA, 2002 *apud* DORNELES, DALAZOANA e SCHLINDWEIN, 2013. Balassa desenvolveu esse índice onde utiliza somente as exportações por acreditar que as importações eram afetadas por medidas protecionistas (NONNENBERG, 1995 *apud* DORNELES, DALAZOANA e SCHLINDWEIN, 2013.

2.1.3 Heckscher-Ohlin e a Teoria da Dotação de Fatores

Segundo Carvalho e Silva (2007), agora entrando nas teorias modernas de comércio internacional, mais abrangentes que as clássicas, surge a teoria da dotação de fatores, conhecida também como teoria da dotação relativa de fatores. Essa foi desenvolvida por dois economistas suecos, Eli Heckscher e seu discípulo Bertil Ohlin, que se tornou conhecida em 1933, baseada nos conceitos da teoria da vantagem comparativa de David Ricardo.

O objetivo era explicar a diferença no custo de oportunidade que havia entre os países. Para isso, conforme Maia (2014), todos os fatores de produção foram adotados na análise, como natureza (matérias-primas), trabalho (mão de obra) e capital (investimento). Na teoria de Heckscher-Ohlin é afirmado que “cada país se especializa e exporta o bem que requer utilização mais intensiva de seu fator de produção abundante” (CARVALHO; SILVA; 2007, p. 25).

Conforme David (2017), nessa teoria é explicado que cada país se especializa na produção do bem que utiliza, principalmente, o fator em que possui abundância. Por exemplo, o país X apresenta fartura de trabalho e recursos relativamente escassos de capital, então os produtos que exigem muito trabalho terão um custo relativamente baixo de produção quando comparados com os que necessitam de muito capital, que por ser escasso torna-se caro. Diante disso o país X se especializará na produção de bens que exijam maior quantidade de trabalho. Enquanto outros países irão se qualificar na elaboração de mercadorias que utilizem intensamente o seu fator mais abundante, para assim realizarem as transações comerciais das mercadorias, já que não podem comercializar os fatores de produção (SOUSA, 2009).

2.1.4 A influência de Samuelson nas Teorias de Comércio Internacional

Complementando a teoria de Heckscher-Ohlin, veio Paul Samuelson, em 1948, com a teoria da equalização do preço dos fatores de produção, conhecido também como Teorema Heckscher-Ohlin-Samuelson, dizendo que “o comércio de bens equaliza a remuneração dos fatores de produção” (CARVALHO; SILVA; 2007, p. 37). Além disso, quando dois países comercializam, os preços relativos dos bens convergem.

Indiretamente os países acabam importando o fator de produção em que possuem escassez, assim como exportam aquele fator em que possuem grandiosidade. Esse comércio indireto ocorre por meio de troca de mercadorias que exigem excelência, ou grande quantidade, de determinado fator. Tendo essa visão “não é de se estranhar que o comércio leva à equalização dos preços dos fatores dos dois países” (KRUGMAN; OBSTFELD; MELITZ; 2015, p. 82).

Posteriormente surge a Teoria de Stolper-Samuelson, apresentada por Wolfgang Stolper e Paul Samuelson, analisando a influência da troca de mercadorias na repartição da renda entre os fatores de produção. Segundo Carvalho e Silva (2007), com o comércio e especialização, o preço do fator abundante aumenta enquanto o do escasso diminui. Tomando como exemplo capital e trabalho, com ambos empregados na mesma proporção de anteriormente, “a parcela dos salários na renda aumenta, e diminui a do juro, nos países onde o trabalho é abundante [...] redistribui renda a favor do capital no país em que o trabalho é escasso” (CARVALHO; SILVA; 2007, p. 39).

3 SETOR DE FÁRMACOS

O Brasil possui um número muito elevado nas importações de fármacos e farmoquímicos, principalmente quando comparado com as exportações. De acordo com Haag e Henkin (2013), o setor farmacêutico brasileiro passa por dificuldades, principalmente pelo fato de empresas sediadas em países mais desenvolvidos terem acúmulo de competências técnicas e organizacionais, devido a sua trajetória histórica e por disporem de maiores condições sistêmicas.

Além da dificuldade diante das empresas dos países desenvolvidos, ainda tem o desafio que as empresas subsidiárias nacionais enfrentam de fazer do Brasil uma plataforma de exportação do setor. Essa plataforma seria para poder aproveitar acordos comerciais, assim como a proximidade geográfica de alguns países, com o intuito de facilitar a exportação de produtos farmacêuticos no Brasil (HAAG; HENKIN, 2013).

No decorrer do tempo ocorreram diversos acontecimentos que foram influenciando a produção local dos fármacos. Por exemplo, em 1997, com a legislação patentária, as transnacionais aumentaram seus investimentos enquanto as nacionais se defasavam; já em 1999, com a liberação da produção local dos genéricos, as nacionais conseguiram dar uma evoluída (PRADO, 2011). Ainda segundo Prado (2011), o Brasil é considerado um grande produtor na área farmacêutica, mas precisa explorar mais esse setor para conseguir competir mais ativamente no mercado internacional, assim como investir mais, principalmente em P&D (Pesquisa e Desenvolvimento).

Segundo Brógio (2004), a devida competitividade não ocorre mais facilmente devido à dificuldade do nosso país em investir em P&D, pois exige gastos elevados e alto nível tecnológico. Mesmo assim, diante as dificuldades internas para a produção de grande parte dos medicamentos, a importação de fármacos e farmoquímicos é o meio mais viável para termos acesso aos medicamentos que ainda não são produzidos em solo brasileiro.

Os estudos realizados na área dos fármacos e farmoquímicos são muitos, pois esse é um tema bastante debatido, analisado e investigado por inúmeros autores, em diversas épocas, porém, a maioria, mais focados no comércio das plantas medicinais e princípios ativos naturais, devido a propriedade da nossa Amazônia. Já a pesquisa deste trabalho em si, refere-se aos medicamentos de uma forma mais

sucinta, realizando a análise somente de três posições do Sistema Harmonizado de Designação e Codificação de Mercadorias – SH –, assim como análises recentes, contribuindo e complementando a literatura já existente.

Para o aprofundamento de análise deste trabalho serão utilizadas as posições do Sistema Harmonizado 2941, 3003 e 3004. Essas, respectivamente, representam os antibióticos; os medicamentos constituídos por produtos misturados entre si, preparados para fins terapêuticos ou profiláticos, mas não apresentados em doses nem acondicionados para venda a retalho e; os medicamentos constituídos por produtos misturados ou não misturados, preparados para fins terapêuticos ou profiláticos, apresentados em doses (SISCOMEX, 2018).

Foram escolhidos os SH's que se referem aos antibióticos e seus compostos, pelo fato do elevado consumo e comercialização dos mesmos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), por pesquisa realizada em novembro de 2018, foi evidenciado o intenso uso desses medicamentos, estando o Brasil com uso excessivo (OPAS/BRASIL, 2018).

Um fato curioso que ocorre no Brasil (pela “viabilidade” da produção doméstica e demanda), por exemplo, é de exportar a planta medicinal, devido a detenção de uma das maiores reservas de biodiversidade do planeta, para um país mais desenvolvido e produtor do fármaco e posteriormente importar o medicamento pronto. Ou ainda, as empresas do exterior conseguem patentiar a produção do medicamento que é feito com base em plantas que são fertilizadas em nosso país (RODRIGUES; NOGUEIRA, 2008).

3.1 Panorama Geral do Setor

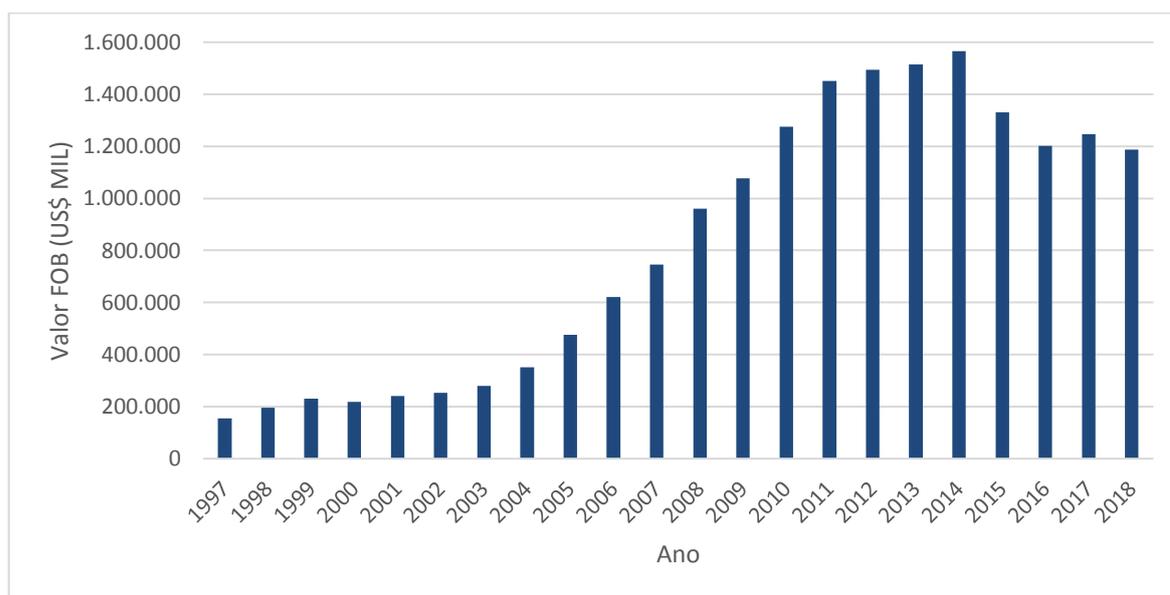
3.1.1 Exportação e Importação

Posteriormente estão expostas as tabelas com os valores, em US\$ FOB, das exportações e importações brasileiras do setor farmacêutico, compreendendo o período de 1997 a 2018. Essas informações foram extraídas da base de dados do Sistema Comex Stat, considerando o capítulo 30 do Sistema Harmonizado (SH), em que trata dos produtos farmacêuticos.

No gráfico 1 estão representados os valores das exportações brasileiras de produtos farmacêuticos no período analisado. Com esses dados pode-se identificar a

tendência ao crescimento na participação comercial do setor, sendo ainda possível a percepção que de 1997 para 2018 teve uma variação de aproximadamente 770% no valor dessas exportações. No intervalo de 2000 a 2014 foi de mais intenso crescimento, onde ocorreu um aumento de 717% nas exportações desse setor, tendo mais instabilidade e declínios nos anos posteriores.

Gráfico 1. Exportação brasileira de produtos farmacêuticos (valor em US\$ FOB) no período entre 1997 e 2018.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

Durante o período da pesquisa, de 1997 a 2018, foi feita a análise dos principais destinos das exportações brasileiras dos produtos farmacêuticos (capítulo 30 do SH), levando em consideração o total, em valor FOB, exportado do produto para cada país no decorrer desses anos. Na tabela 1 estão expostos os dez principais destinos, estando a Argentina em primeiro lugar com mais de 13% do total dessas exportações, seguida da Dinamarca com quase 12,5%, Estados Unidos com 11,34%, Venezuela com 10% e México com 7,65%.

Todavia, observou-se perante o levantamento desses dados que essa comercialização teve algumas mudanças em seus destinos no decorrer do tempo. Por exemplo, de 1997 até 2009 a Argentina, Venezuela e México eram quem mais importavam produtos farmacêuticos do Brasil, já a partir de 2010 a Dinamarca entrou mais ativa nesse mercado, enquanto os Estados Unidos a partir de 2015 que começou a ser o principal destino desses produtos brasileiros.

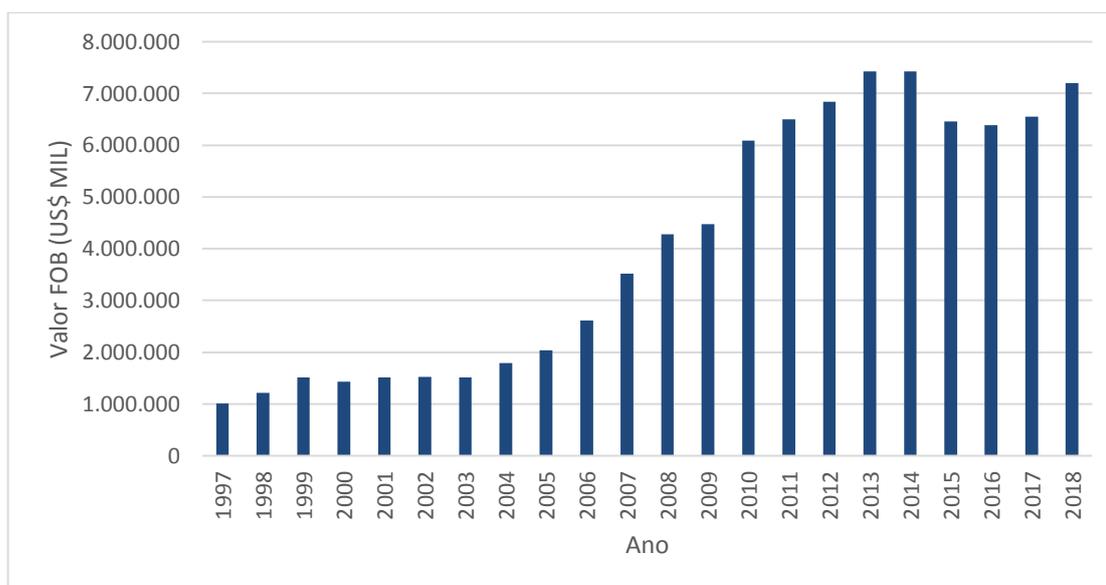
Tabela 1. Principais destinos das exportações brasileiras de produtos farmacêuticos entre os anos de 1997 e 2018.

| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
|------------|----------------|---------------------------------|----------|
| 1º | Argentina | 2.460.945 | 13,62% |
| 2º | Dinamarca | 2.253.436 | 12,47% |
| 3º | Estados Unidos | 2.050.109 | 11,34% |
| 4º | Venezuela | 1.827.754 | 10,11% |
| 5º | México | 1.382.595 | 7,65% |
| 6º | Colômbia | 1.078.483 | 5,97% |
| 7º | Chile | 776.790 | 4,30% |
| 8º | Panamá | 629.557 | 3,48% |
| 9º | Equador | 315.259 | 1,74% |
| 10º | Alemanha | 221.730 | 1,23% |

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

No gráfico 2 estão expostos os valores anuais das importações brasileiras de produtos farmacêuticos, conforme período em análise. Assim como observado nas exportações, as importações também demonstram uma crescente evolução. No período de 1997 para 2018 ocorreu um aumento de 711%, aproximadamente, onde foi mais sequencial entre 2003-2014, com 492%. É possível observar o quanto precisamos importar itens do setor farmacêutico para poder suprir o elevado consumo doméstico que temos. Segundo levantamento de dados do SINDUSFARMA (2018), o Brasil é o sétimo país que mais vende medicamentos no mundo, tendo expectativas para subir para a quinta posição em 2023.

Gráfico 2. Importação brasileira de produtos farmacêuticos (valor em US\$ FOB) no período entre 1997 e 2018.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

No período de 1997 a 2018 o Brasil importou mais de US\$ 89 bilhões (FOB) de produtos farmacêuticos, compreendidos dentro do capítulo 30 do SH. Na tabela 2 estão apresentados os principais exportadores desses produtos para o Brasil. Nesses anos os principais países de onde vieram esses itens não sofreram muita alteração, foram os Estados Unidos (1997/2011 e 2015/2017) e a Alemanha (2012/2014 e 2018), sempre seguidos da Suíça, que esteve na segunda posição de 1997 a 2007.

Tabela 2. Principais países que o Brasil importou produtos farmacêuticos no período de 1997 a 2018.

| (continua) | | | |
|------------|----------------|-------------------------|--------|
| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
| 1º | Estados Unidos | 16.904.221 | 18,92% |
| 2º | Alemanha | 13.696.208 | 15,33% |
| 3º | Suíça | 10.046.274 | 11,25% |
| 4º | França | 5.992.118 | 6,71% |
| 5º | Reino Unido | 4.613.086 | 5,16% |
| 6º | Itália | 4.452.964 | 4,99% |
| 7º | Bélgica | 4.221.716 | 4,73% |
| 8º | Irlanda | 3.343.368 | 3,74% |

(conclusão)

| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
|------------|-------------|---------------------------------|----------|
| 9º | Índia | 1.941.921 | 2,17% |
| 10º | Argentina | 1.227.296 | 1,37% |

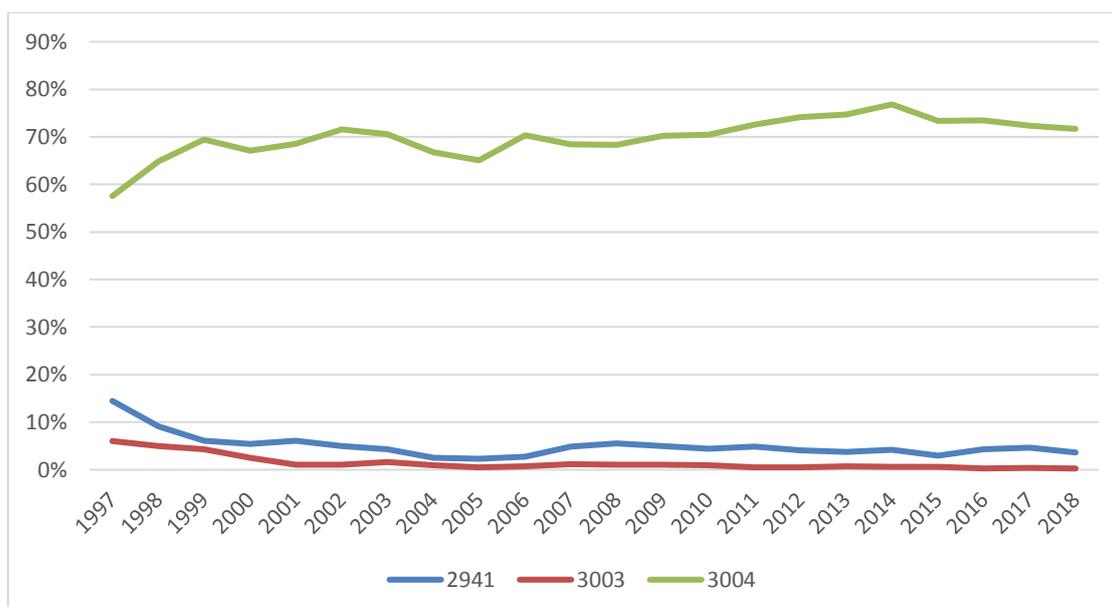
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

3.2 Panorama das Posições 2941, 3003 e 3004 do SH

Devido ao mercado farmacêutico ser muito amplo foi realizado um filtro dos produtos que tinham mais representatividade no setor, assim como alta demanda. Diante disso serão analisadas as seguintes posições do Sistema Harmonizado (SH): 2941 – Antibióticos; 3003 – Medicamentos constituídos por produtos misturados entre si, preparados para fins terapêuticos ou profiláticos, mas não apresentados em doses nem acondicionados para venda a retalho; e 3004 – Medicamentos constituídos por produtos misturados ou não misturados, preparados para fins terapêuticos ou profiláticos, apresentados em doses (SISCOMEX, 2018).

Utilizando como base as exportações totais dos produtos farmacêuticos, compreendidos no capítulo 30 do Sistema Harmonizado, foi realizada a proporção para ver o quanto cada posição representou nesse mercado nos anos analisados. Como pode ser visto no gráfico 3 a posição que teve mais representatividade foi a 3004, tais produtos representaram em média 70% das exportações desse setor, estando depois os classificados na 2941 com 4,5% e por último os da 3003 com quase 1%.

Gráfico 3. Representatividade das posições 2941, 3003 e 3004 diante das exportações brasileiras do capítulo 30.



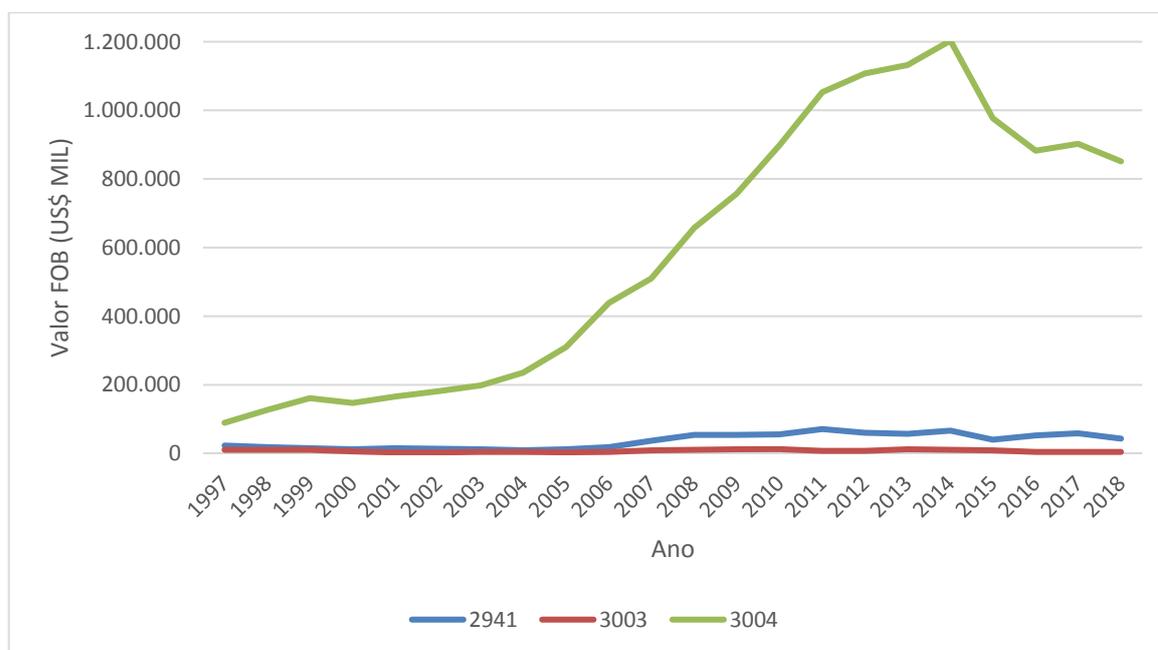
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

3.2.1 Exportação e Importação

A seguir estão apresentados os valores, em US\$ FOB, das exportações e importações brasileiras dos produtos farmacêuticos das posições 2941, 3003 e 3004, conforme Sistema Harmonizado (SH), no período de 1997 a 2018. Os dados contidos abaixo foram extraídos do Sistema Comex Stat.

No gráfico 4 estão disponíveis os dados referentes a exportação brasileira dos códigos analisados, onde é possível notar que o maior volume acumulado se mantém na posição 3004, que são os medicamentos para fins terapêuticos ou profiláticos apresentados em doses. Esse segue o crescimento na mesma proporção das exportações gerais do setor, isso ocorre por ter uma elevada participação na comercialização dos produtos farmacêuticos.

Gráfico 4. Exportação brasileira das posições 2941, 3003 e 3004 do SH no período entre 1997 e 2018.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

Abaixo, na tabela 3, estão apresentados os principais destinos das exportações brasileiras dos produtos farmacêuticos contidos nas posições 2941, 3003 e 3004 do Sistema Harmonizado, englobando o período de 1997 a 2018. Se tratando dos itens contidos na posição 2941, do ano de 2007 em diante o Canadá se tornou o principal destino desses produtos, tendo participação de mais de 50% comparado com o total das exportações dessa classificação. Já quanto a posição 3003 os principais destinos foram a Argentina, a Venezuela e o México, a Colômbia só por 2003 e 2004, e a Suíça começou a aparecer mais nesse mercado de 2016 em diante. Os produtos da posição 3004 foram em maior proporção para Argentina de 1997 a 2007, para Venezuela no ano de 2008 e para a Dinamarca de 2009 a 2018.

Tabela 3. Principais destinos das exportações brasileiras dos produtos farmacêuticos contidos nas posições 2941, 3003 e 3004 entre os anos de 1997 e 2018.

(continua)

| 2941 | | | |
|------|----------------|----------------------|--------|
| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
| 1º | Canadá | 422.483 | 53,70% |
| 2º | Estados Unidos | 73.803 | 9,38% |

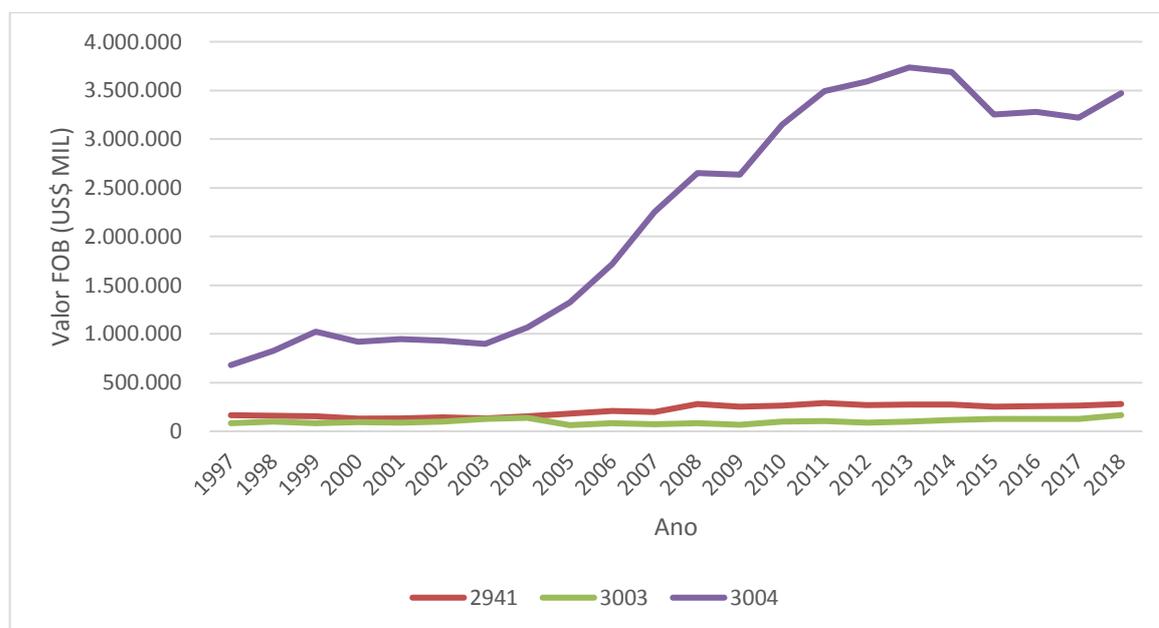
(conclusão)

| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
|-------------|----------------|-----------------------------|----------|
| 3º | Itália | 29.549 | 3,76% |
| 4º | Argentina | 26.459 | 3,36% |
| 5º | Japão | 26.031 | 3,31% |
| 3003 | | | |
| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
| 1º | Argentina | 31.158 | 20,63% |
| 2º | Venezuela | 26.395 | 17,47% |
| 3º | México | 18.065 | 11,96% |
| 4º | Colômbia | 8.672 | 5,74% |
| 5º | Suíça | 5.586 | 3,70% |
| 3004 | | | |
| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
| 1º | Dinamarca | 2.251.543 | 17,35% |
| 2º | Argentina | 1.895.396 | 14,61% |
| 3º | Venezuela | 1.369.226 | 10,55% |
| 4º | México | 1.128.185 | 8,70% |
| 5º | Estados Unidos | 723.861 | 5,58% |

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

O gráfico 5 apresenta os valores das importações brasileiras dos códigos especificados para esta pesquisa, considerando o período estudado. Assim como nas exportações, os produtos que tiveram, periodicamente, maior participação no mercado foram os contidos na posição 3004, devido, provavelmente, ao seu elevado consumo e importância no mercado. Depois desse, os produtos da posição 3003 foram os que mais tiveram crescimento e por último os da 2941, que refere-se diretamente aos antibióticos, sendo as outras duas posições constituídas por medicamentos que contenham alguns antibióticos, corticoides, lincosamidas, hormônios, entre outras classificações de medicamentos, diferenciando que na 3003 são constituídos por produtos misturados entre si e não são dispostas em doses, enquanto na 3004 podem ser misturados ou não e estão disponíveis em doses.

Gráfico 5. Importação brasileira das posições 2941, 3003 e 3004 do SH no período entre 1997 e 2018.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

Na tabela 4 estão apresentados os principais países de onde o Brasil importou produtos contidos nas posições 2941, 3003 e 3004 do SH, no montante do período de 1997 a 2018. Para os produtos contidos na 2941, a principal origem foi dos Estados Unidos de 1997 a 2002, seguido da Índia, e de 2005 em diante passou a ser a China, geralmente seguida da Itália. Na 3003 desde 2012 os produtos estão vindo principalmente da Índia, antes era bem diversificado. Durante quase todo o período em análise, o principal país de origem dos itens da 3004 fora os Estados Unidos, exceto em 2001 que foi a Suíça e 2018 a Alemanha, enquanto a Alemanha estava sempre com os valores bem próximos, estando geralmente entre o segundo e o terceiro país que mais importava esses produtos para o Brasil.

Tabela 4. Principais países que o Brasil importou produtos farmacêuticos das posições 2941, 3003 e 3004 no período de 1997 a 2018.

(continua)

| 2941 | | | |
|------|--------|----------------------|--------|
| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
| 1º | China | 1.468.653 | 31,13% |
| 2º | Itália | 748.478 | 15,87% |

(conclusão)

| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
|-------------|----------------|-----------------------------|----------|
| 3º | Índia | 626.005 | 13,27% |
| 4º | Estados Unidos | 515.198 | 10,92% |
| 5º | México | 205.053 | 4,35% |
| 3003 | | | |
| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
| 1º | Índia | 380.046 | 16,95% |
| 2º | China | 216.341 | 9,65% |
| 3º | Alemanha | 193.722 | 8,64% |
| 4º | Suíça | 177.359 | 7,91% |
| 5º | Estados Unidos | 146.656 | 6,54% |
| 3004 | | | |
| | País | Valor FOB (Mil US\$) | % |
| 1º | Estados Unidos | 9.273.644 | 19,02% |
| 2º | Alemanha | 6.719.543 | 13,78% |
| 3º | Suíça | 5.055.547 | 10,37% |
| 4º | França | 2.951.357 | 6,05% |
| 5º | Reino Unido | 1.883.888 | 3,86% |

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

3.3 Barreiras Tarifárias e Barreiras Não Tarifárias no Setor dos Fármacos

Durante a evolução da comercialização foi necessário elaborar meios de proteção ao mercado interno, um desses foi a implantação das barreiras comerciais (MAIA, 2014). As barreiras comerciais são classificadas como tarifárias e não tarifárias. Segundo Sousa (2009, p.147), “barreiras tarifárias são todos os impostos e contribuições diretamente relacionadas ao fato de um bem entrar (na importação) ou sair (na exportação) de um país”. Todavia, as barreiras não tarifárias são designadas como “qualquer medida pública que não seja um direito aduaneiro e tenha por efeito criar uma distorção nas trocas comerciais” (SOUSA, 2009, p.147).

Com o passar dos anos as barreiras tarifárias estão sendo cada vez mais reduzidas, porém as barreiras não tarifárias encontram-se em constante elevação, por exemplo as medidas sanitárias e fitossanitárias (ANSANELLI; GRANA; ALMEIDA;

CORRÊA, 2018). Outro exemplo de barreira não tarifária que está cada vez mais comum no comércio internacional são as barreiras técnicas, que são normas de cumprimento obrigatório sobre segurança, saúde e qualidade, que acabam impedindo a venda de produtos de empresas exportadoras (SOUSA, 2009).

Como exemplos de barreiras técnicas que afetam os produtos farmacêuticos no Brasil temos: Portaria Nº344/1998 que regulamenta o controle especial de substâncias e medicamentos; RDC (Resolução da Diretoria Colegiada) Nº201/2002 que determina pontos específicos de entrada e saída de mercadorias à base de substâncias entorpecentes, psicotrópicos e precursores; TBT (Technical Barriers to Trade) 255/2007 que dispõe um vocabulário controlado nas embalagens de medicamentos; TBT/275/2008 que estabelece requisitos mínimos para mecanismos de rastreabilidade e autenticidade dos produtos farmacêuticos; RDC Nº81/2008 que dispõe o regulamento técnico de bens e produtos importados para fins de vigilância sanitária; RDC Nº99/2008 que dispõe sobre o controle de importação e exportação de substâncias e medicamentos sob regime especial; Decreto Nº6.759/2009 que permite importação e exportação de medicamentos, entre outros itens, apenas de empresas e estabelecimentos autorizados pelo Ministério da Saúde e licenciados pelo órgão sanitário competente; RDC Nº11/2013 que dispõe sobre a importação de substâncias sujeitas a controle especial e dos medicamentos que as contenham (WTO e ANVISA, 2019).

Atualmente a ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária – é quem realiza a proteção da saúde da população brasileira, por meio do controle sanitário da produção e comercialização dos produtos e serviços submetidos a vigilância sanitária. A ANVISA é o órgão nacional que está presente nos portos, aeroportos e regiões de fronteira para o controle sanitário em meios de transporte, viajantes, infraestrutura, produtos importados e exportados, serviços e bens produzidos (ANVISA, 2019).

4 METODOLOGIA

O presente trabalho utilizará o índice das vantagens comparativas reveladas (IVCR), juntamente com a análise de materiais já existentes abordando o mesmo assunto e compreendendo a atual situação do Brasil relacionado ao comércio internacional dos fármacos. O método utilizado é aplicado, afinal o objetivo principal é explorar dados já existentes e comparar com os novos coletados, utilizando, para isso, o IVCR. Esta pesquisa trata de um paradigma mais quantitativo, pois a análise do problema será feita baseada no resultado de indicadores, como importação e exportação dentro do setor de fármacos e farmoquímicos.

Para este trabalho foi realizada a busca de informações, como quantidade de exportação e importação dentro do período de análise (1997 a 2018), em sites oficiais desses dados como o Comex Stat, que está diretamente ligado ao MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio) e o SISCOMEX (Sistema Integrado de Comércio Exterior). Através dessas buscas foi elaborada uma análise sobre a participação do Brasil na comercialização das posições do SH pesquisadas.

Então, para essa análise, foram pesquisadas as seguintes posições do SH: Antibióticos – 2941; Medicamentos constituídos por produtos misturados entre si, preparados para fins terapêuticos ou profiláticos, mas não apresentados em doses nem acondicionados para venda a retalho – 3003; Medicamentos constituídos por produtos misturados ou não misturados, preparados para fins terapêuticos ou profiláticos, apresentados em doses – 3004 (SISCOMEX, 2018).

A escolha dos SH's já citados, que são antibióticos e seus compostos, se dá devido ao grande índice de consumo e comercialização dos mesmos. Em novembro de 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) realizou uma pesquisa mostrando o amplo uso destes medicamentos, estando o Brasil com uso excessivo (OPAS/BRASIL, 2018).

Para a análise das vantagens comparativas do setor será utilizado um indicador criado em 1965 por Bela Balassa, ao qual tem como objetivo representar o desempenho das exportações do produto no país, verificando se possui vantagem comparativa revelada ou não, ou seja, constatando se o país é especializado no produto ou setor, ou se é um importador na área. Tal indicador é o IVCR (índice das vantagens comparativas reveladas) que se dá pela razão da participação do produto

no Brasil pela participação do produto no mundo. Os resultados deste índice são obtidos através da seguinte equação:

$$IVCR = \frac{\frac{X_{pB}}{X_B}}{\frac{X_{wp}}{X_w}}$$

onde:

X_{pB} = exportações de produtos farmacêuticos do Brasil.

X_B = total das exportações do Brasil.

X_{wp} = exportações mundiais de produtos farmacêuticos.

X_w = total das exportações mundiais.

X = exportações

B = Brasil

w = mundo

p = produtos farmacêuticos

A análise para o resultado desse índice é realizada da seguinte maneira: se o índice $VCR > 1$ significa que o Brasil possui vantagem comparativa revelada para as exportações de produtos farmacêuticos, ou seja, o país é um exportador efetivo desse setor. Já se $IVCR < 1$ o país possui desvantagem comparativa revelada para as exportações de produtos farmacêuticos, ou seja, o Brasil não é competitivo na produção do bem analisado (MAIA, 2002 *apud* CORONEL; DESSIMON, 2008).

Algumas literaturas já utilizaram o IVCR como embasamento para análise da competitividade comercial, em diversos setores. Fernandes, Wander e Ferreira (2008) utilizaram o índice para analisar a competitividade internacional do arroz brasileiro, assim como a competitividade interna e externa dos estados produtores, no período de 1961 até 2005. Nesse estudo foi verificado que o Brasil possuía vantagem comparativa em apenas sete anos da pesquisa, enquanto o Rio Grande do Sul era competitivo internamente e exportador, e ainda os estados de Santa Catarina, Mato Grosso e Goiás se mostraram competitivos apenas internamente em alguns anos do período.

Dorneles, Dalazoana e Schlindwein (2013) tinham como objetivo principal da pesquisa verificar a existência de vantagens comparativas reveladas, através do IVCR, para as exportações de grão, farelo e óleo de soja produzidos pelo estado de Mato Grosso do Sul. Os principais resultados para o período de 1997 a 2011 foram que o grão e o farelo possuíam vantagem comparativa revelada, enquanto o óleo possuía desvantagem.

Santetti e Azevedo (2013) usaram o IVCR para analisar a competitividade dos principais produtos de exportação do Brasil e dos estados da região Sul, no período de 2000 a 2008. Pesquisaram os dez principais produtos da exportação através da NCM com quatro dígitos, constatando que somente os produtos primários e de baixa intensidade tecnológica tiveram um aumento no índice, assim como a competitividade crescente de *commodities*.

Na pesquisa de Ferreira, Dorner e Braun (2014) o IVCR foi utilizado com aplicação no setor industrial para analisar se a indústria brasileira perdeu competitividade nos anos de 2000 a 2011. Com os resultados foi possível identificar o início da desindustrialização da indústria brasileira, ou seja, que o Brasil não possuía vantagem comparativa revelada no setor industrial.

Contudo, não foram encontradas pesquisas no setor dos produtos farmacêuticos relacionadas com o IVCR. Entretanto, este trabalho visa colaborar com as literaturas já existentes, ou ainda a serem realizadas, embasadas nesse índice, assim como com os trabalhos de análises do setor, evidenciando essa análise recente.

5 RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados desta pesquisa. Primeiramente, será analisado o setor dos produtos farmacêuticos como um todo, levando em consideração o capítulo 30 do Sistema Harmonizado. Posteriormente, será feita a análise das posições específicas dessa pesquisa, ou seja, 2941, 3003 e 3004 do SH. Por último uma análise geral dos estudos e dados analisados.

5.1 Análise do Setor dos Produtos Farmacêuticos

Na tabela 5 está exposto o índice das vantagens comparativas reveladas (IVCR) dos produtos farmacêuticos, contidos no capítulo 30 do Sistema Harmonizado (SH), anualmente, compreendendo os anos de 1997 a 2018. Esse índice foi calculado considerando as exportações brasileiras compreendidas no capítulo 30 do SH, as exportações totais brasileiras, as exportações mundiais do mesmo capítulo e as exportações totais mundiais, ou seja, é o índice do setor farmacêutico brasileiro em relação ao total mundial.

Com os IVCR's calculados nessa análise é possível verificar que o Brasil não é um país com vantagem comparativa nos produtos farmacêuticos, pois, como já explicado anteriormente, quando o índice menor que 1 indica que o país possui desvantagem comparativa revelada para as exportações no setor farmacêutico. Isso significa que o Brasil não é especializado na indústria farmacêutica, não sendo competitivo em nível mundial nesse setor. Ou seja, o país caracteriza-se como um importador de produtos farmacêuticos.

Tabela 5. IVCR dos produtos farmacêuticos brasileiros em relação as exportações totais mundiais.

| (continua) | | | |
|-------------|------|-------------|------|
| Ano | IVCR | Ano | IVCR |
| 2018 | 0,13 | 2007 | 0,18 |
| 2017 | 0,18 | 2006 | 0,18 |
| 2016 | 0,20 | 2005 | 0,16 |
| 2015 | 0,23 | 2004 | 0,14 |
| 2014 | 0,25 | 2003 | 0,15 |

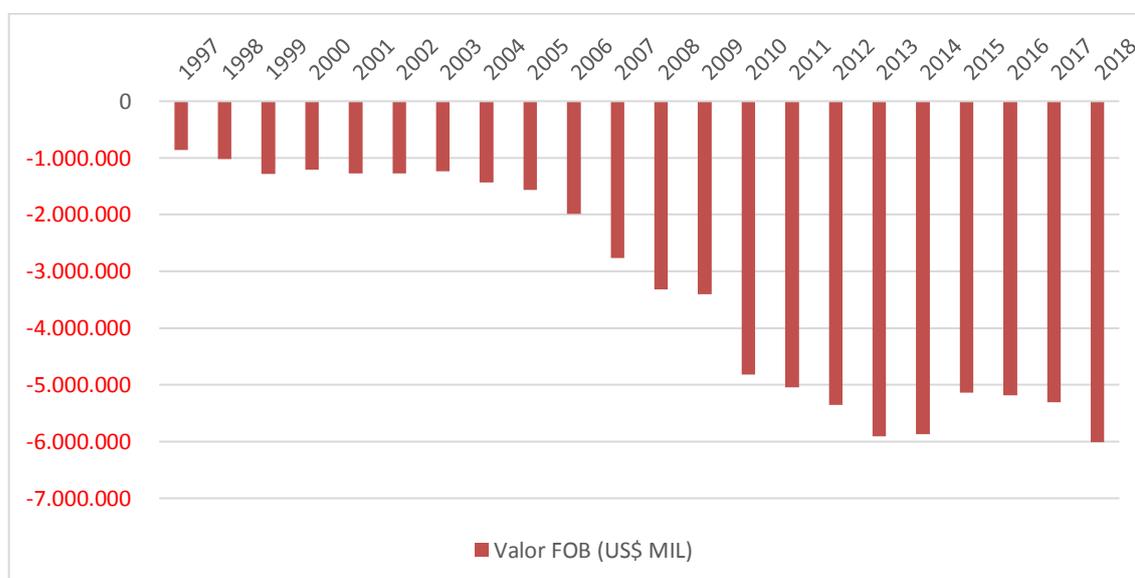
(conclusão)

| Ano | IVCR | Ano | IVCR |
|------|------|------|------|
| 2013 | 0,24 | 2002 | 0,17 |
| 2012 | 0,24 | 2001 | 0,21 |
| 2011 | 0,22 | 2000 | 0,26 |
| 2010 | 0,22 | 1999 | 0,28 |
| 2009 | 0,21 | 1998 | 0,23 |
| 2008 | 0,19 | 1997 | 0,21 |

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat e WITS (2019).

Ainda referente ao amplo setor dos produtos farmacêuticos, é apresentado no gráfico 6 os valores da Balança Comercial dessa indústria durante todo o período analisado, considerando as exportações e importações do Brasil do capítulo 30 do SH. É possível observar que foi negativa nestes anos, ou seja, se manteve em déficit. Além disso, esse valor deficitário evoluiu com o passar dos anos, possivelmente pelo grande número de importações do setor. Ademais, assim como as exportações na área evoluíram bastante com o passar do tempo, as importações também foram aumentando, mas superando o valor das exportações, o que resulta em um déficit crescente na balança comercial do setor.

Gráfico 6. Balança comercial brasileira no setor dos produtos farmacêuticos.

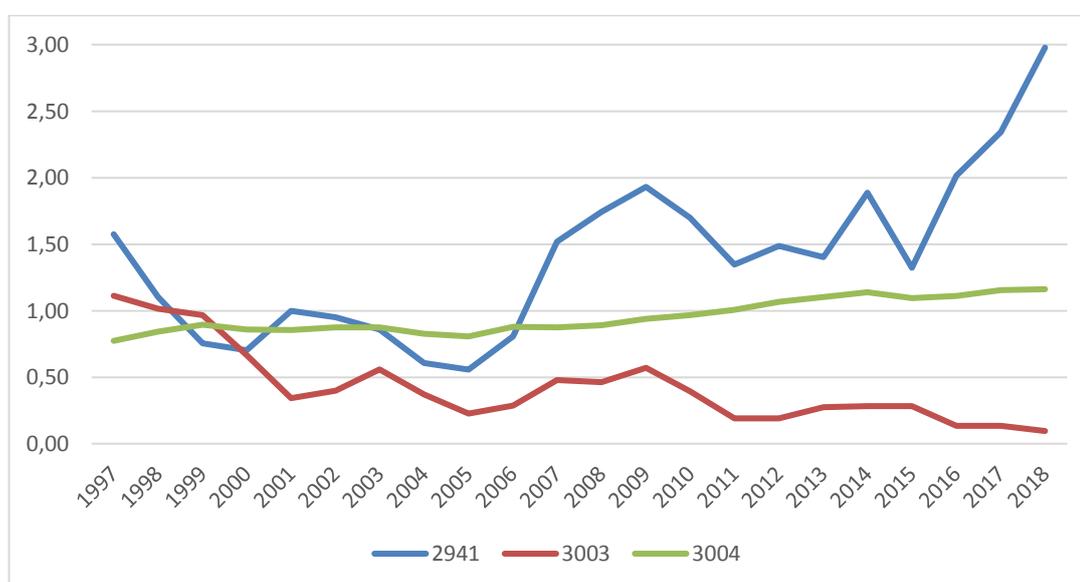


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

5.2 Análise das Posições 2941, 3003 e 3004 do SH

No gráfico 7 estão apresentados os IVCR's de cada posição do Sistema Harmonizado em análise nesse estudo, entre os anos de 1997 e 2018. Esse índice foi calculado considerando, individualmente, as exportações brasileiras de cada posição, as exportações brasileiras do capítulo 30 do SH, as exportações mundiais da mesma posição e as exportações mundiais do capítulo 30 do SH. Ou seja, a vantagem ou desvantagem analisada aqui é de cada posição em relação ao setor dos produtos farmacêuticos, enquanto na tabela 10 o índice apresentado era do setor farmacêutico, no geral, em relação as exportações totais mundiais.

Gráfico 7. IVCR das posições 2941, 3003 e 3004 em relação ao setor farmacêutico mundial.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat e WITS (2019).

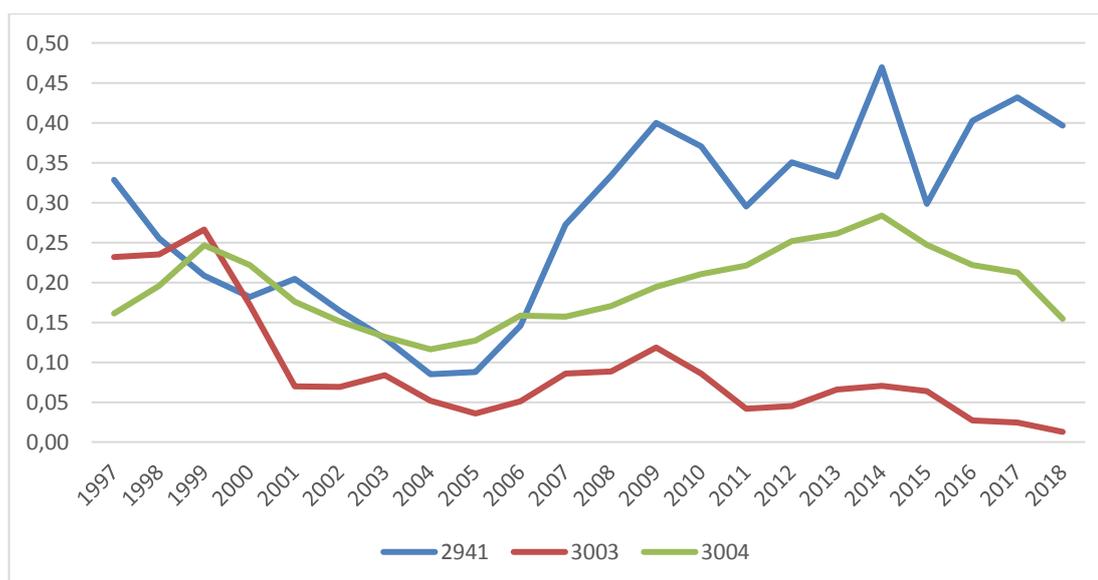
É possível observar a crescente evolução nos últimos anos para os produtos compreendidos na posição 2941, assim como para a 3004, enquanto que a 3003 vem decrescendo constantemente. Com base nos resultados obtidos, constatou-se que os antibióticos (2941) possuem vantagem comparativa revelada de 2007 em diante, mesmo com oscilações no período se mantém em vantagem, enquanto nos anos anteriores só esteve com o índice acima de 1 em 1997 e 1998. Os medicamentos apresentados em doses (3004) também indicaram vantagem comparativa revelada, porém somente após 2011 e desde então está em constante evolução, ainda que com

alguma variação no período. Por outro lado, os medicamentos constituídos por produtos misturados entre si e não apresentados em doses (3003), só apresentaram vantagem comparativa revelada em 1997 e 1998, posteriormente seu índice vem decrescendo anualmente, ou seja, esse possui desvantagem comparativa.

Quando comparado à indústria farmacêutica, específica, ainda que mundialmente, o Brasil está sendo considerado um exportador das posições 2941 e 3004. Por outro lado, para a posição 3003 ele é um importador desses produtos, provavelmente pelo grande aumento que vem ocorrendo nas importações desses itens e regresso das exportações brasileiras para essa posição.

No gráfico 8, estão apresentados os IVCR's das posições 2941, 3003 e 3004, agora considerando as exportações brasileiras da posição, o total das exportações brasileiras em geral, as exportações mundiais da mesma posição e o total das exportações mundiais. Para essa análise foi calculado o índice de cada posição em relação as exportações mundiais no geral, não mais especificamente ao setor.

Gráfico 8. IVCR das posições 2941, 3003 e 3004 em relação as exportações totais mundiais.



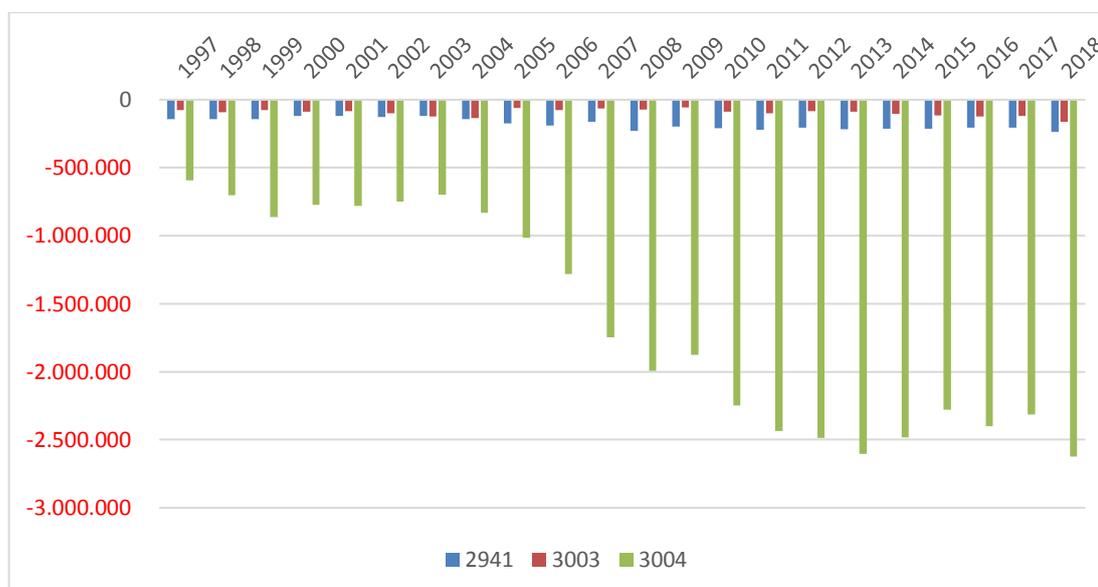
Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat e WITS (2019).

Assim como o resultado do índice para os produtos farmacêuticos em relação ao mundo no geral, para as posições não foi diferente, constatou-se que o Brasil é considerado um importador desses itens perante o total de suas exportações, ou seja, possui desvantagem comparativa revelada. Esse fato se dá, provavelmente, pelo

número das exportações brasileiras de produtos farmacêuticos ter baixa representatividade nas exportações totais do país. Durante os anos de 1997 a 2018 as exportações desses produtos, compreendido no capítulo 30 do SH, representaram menos de 1% do total das exportações brasileiras.

No gráfico 9 está apresentada a balança comercial brasileira para as posições analisadas nesse estudo. Para essa representação foi levado em consideração as exportações brasileiras de cada posição e as importações da mesma. Assim como constatada para a balança comercial do setor farmacêutico, a específica das posições se manteve em déficit durante todo o período da análise, ou seja, nos anos de 1997 a 2018 as importações desses itens foram maiores do que as exportações dos mesmos.

Gráfico 9. Balança Comercial brasileira das posições 2941, 3003 e 3004.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Comex Stat (2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo realizar estudos para análise da competitividade brasileira no setor dos produtos farmacêuticos entre os anos de 1997 e 2018, através, principalmente, do índice das vantagens comparativas reveladas (IVCR). Para isso foi considerado o capítulo 30 do Sistema Harmonizado (SH), que aborda produtos farmacêuticos no geral, e, por se tratar de uma indústria muito ampla, foi feita uma triagem dos itens que tinham grande representatividade nessa comercialização.

Segundo o SISCOMEX (2018), as posições do SH escolhidas para análise específica compreendem os antibióticos (2941); os medicamentos constituídos por produtos misturados entre si, preparados para fins terapêuticos ou profiláticos, mas não apresentados em doses nem acondicionados para venda em retalho (3003); os medicamentos constituídos por produtos misturados ou não, preparados para fins terapêuticos ou profiláticos, apresentados em doses (3004). Os produtos dessas posições representaram 77% das exportações brasileiras, em relação ao capítulo 30, no período analisado.

Através dos cálculos para o IVCR, constatou-se que o Brasil é um país importador de produtos farmacêuticos quando comparado com o mercado geral mundial, pois foi verificada desvantagem comparativa durante todos os anos da pesquisa. Por outro lado, quando foi realizado o cálculo do índice para as posições determinadas em relação ao capítulo 30 do SH, ou seja, de cada posição em relação somente ao mercado farmacêutico mundial, resultou em vantagem comparativa revelada para os produtos das posições 2941 e 3004, e desvantagem para os itens da 3003. Ou seja, tratando-se dos antibióticos e dos medicamentos apresentados em doses, o Brasil é considerado um exportador diante da indústria farmacêutica, enquanto para os medicamentos não apresentados em doses é um importador no setor.

O Brasil é considerado um dos maiores mercados da indústria farmacêutica, segundo dados da SINDUSFARMA – Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos no Estado de São Paulo – e ABIQUIM – Associação Brasileira da Indústria Química – (2019), em 2018 ele estava na sétima posição do ranking dos mercados mundiais, com expectativa de chegar na quinta posição em 2023. Porém quando citado esse crescimento no país, refere-se, principalmente, às vendas

internas, onde se faz necessário a importação desses produtos para bem poder suprir a necessidade doméstica.

Apesar do Brasil ser um dos maiores mercados na indústria farmacêutica, necessita de um grande volume de importação para cobrir a demanda interna nesse setor. Esse fato se dá, possivelmente, pela dificuldade na produção doméstica, como a falta de investimento em P&D local e pelas imposições na legislação das patentes. Além disso, são impostas barreiras no comércio, principalmente barreiras técnicas, que dificultam a entrada de medicamentos estrangeiros no Brasil. Assim, esses produtos vão se tornando cada vez mais caros para a população brasileira, o que prejudica cada vez mais os consumidores, que sem ter escolha acabam tendo que realmente comprar o mais caro.

Por fim, foi detectado que o Brasil possui um número muito elevado nas importações brasileiras de produtos farmacêuticos no geral, o que gera o déficit na balança comercial nesse setor e a escassez de competitividade no mercado internacional. Para tanto, essa pesquisa visa contribuir para as literaturas já existentes na indústria farmacêutica, assim como colaborar com futuros trabalhos realizados nesse setor.

REFERÊNCIAS

HAAG, Virgínia Eickhoff; HENKIN, Hélio. **Ampliando a inserção internacional dos setores farmoquímicos e farmacêutico brasileiros: alternativas estratégicas.** 1 ed. São Paulo: Sindusfarma. 2013.

PRADO, Ana Raquel Mechlin. **A indústria farmacêutica brasileira a partir dos anos 1990: a Lei dos Genéricos e os impactos na dinâmica competitiva.** Leituras de Economia Política. Campinas. 2011.

RODRIGUES, Waldecy; NOGUEIRA, Jorge Madeira. **Competitividade da cadeia produtiva de plantas medicinais no Brasil: uma perspectiva a partir do comércio exterior.** Dissertação (Pós Doutorado). Universidade Federal do Tocantins. 2008.

DIAS, Reinaldo; RODRIGUES, Waldemar. **Comércio Exterior: Teoria e Gestão.** 3 ed. São Paulo: Atlas. 2012. 353 p.

MAIA, Jayme de Mariz. **Economia Internacional e Comércio Exterior.** 16 ed. São Paulo: Atlas, 2014. 624 p.

SOUSA, José Meireles. **Fundamentos do Comércio Internacional.** 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 223 p.

CARVALHO, Maria Auxiliadora; SILVA, César Roberto Leite. **Economia Internacional.** 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2007. 327 p.

DAVID, Pierre A. **Logística Internacional: Gestão de operações de comércio internacional.** 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017. 450 p.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice; MELITZ, Marc J. **Economia Internacional.** 10 ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2015. 596 p.

OPAS/BRASIL. Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5801:novo-relatorio-da-oms-revela-grandes-diferencas-no-uso-de-antibioticos-entre-paises&Itemid=812. Acessado em: 09 de junho de 2019.

SISCOMEX. Portal Único SISCOMEX – Sistema Integrado de Comércio Exterior. Disponível em: <https://portalunico.siscomex.gov.br/classif/#/sumario>. Acessado em: 10 de outubro de 2018.

BRÓGIO, Adriana. **Comércio Exterior na Indústria Farmacêutica Brasileira: Uma análise do comércio intrafirma e dos valores médios dos produtos intercambiados**. Dissertação (Mestrado). PUC - São Paulo, 2004.

FERNANDES, Sydenia de Miranda; WANDER, Alcido Elenor; FERREIRA, Carlos Magri. **Análise da competitividade do arroz brasileiro: vantagem comparativa revelada**. Embrapa: XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Acre, 2008.

FERREIRA, Jonathan Dias; DORNER, Stefan Hubertus; BRAUN, Mirian Beatriz Schneider. **Boom das exportações de commodities e a desindustrialização brasileira**. Tese Mestrado: UNIOESTE. Salvador, 2014.

SANTETTI, Márcio; AZEVEDO, André Filipe Zago. **Evolução das exportações da região sul e do Brasil nos anos 2000: competitividade e perfil tecnológico**. Tese Mestrado: PUCRS. Porto Alegre, 2013.

DORNELES, Tathiane Marques; DALAZOANA, Francisca Maciel de Lima; SCHLINDWEIN, Madalena Maria. **Análise do índice de vantagem comparativa revelada para o complexo da soja Sul-Mato-Grossense**. Revista de Economia Agrícola: São Paulo, 2013.

CORONEL, Daniel Arruda; DESSIMON, João Armando. **Vantagens Comparativas Reveladas e Orientação Regional da Soja Brasileira em Relação à China**. Dissertação de Doutorado em Economia Aplicada: Universidade Federal de Viçosa (UFV), 2008.

SINDUSFARMA. Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://sindusfarma.org.br/>. Acessado em: 22 de outubro de 2019.

ABIQUIM. Associação Brasileira de Indústria Química. Disponível em: <https://www.abiquim.org.br/>. Acessado em: 22 de outubro de 2019.

COMEX STAT. Portal de estatísticas do comércio exterior do Brasil. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>. Acessado em: 8 de junho de 2019.

WITS. World Integrated Trade Solution. Disponível em: <https://wits.worldbank.org/>. Acessado em: 20 de outubro de 2019.

WTO. World Trade Organization. Disponível em: <http://tbtimes.wto.org/en/Notifications/Search>. Acessado em: 21 de outubro de 2019.

ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/>. Acessado em: 22 de outubro de 2019.

ANSANELLI, Stela Luiza de Mattos; GRANA, Giovanna Denti; ALMEIDA, Luciana Togeiro; CORRÊA, Jacqueline. **A incidência de barreiras não tarifárias ambientais chinesas sobre as exportações brasileiras entre 2001 e 2014.** Revista Brasileira de Economia de Empresas: Brasília, 2018.